

A RELEVÂNCIA CANÔNICA DE CRÔNICAS POR UMA PERSPECTIVA LITERÁRIA

*Ricardo Cesar Toniolo**

RESUMO

Tendo em vista que leitores e pesquisadores demonstram um interesse reduzido pelo livro de Crônicas em comparação com outros livros da Bíblia, pesquisa-se sobre as diferenças que há entre este e os livros de Samuel e Reis, a fim de verificar de que maneira Crônicas contribuiu na formação do cânon bíblico. Para tanto, é necessário verificar quais as estratégias narrativas utilizadas na composição da nova obra. Realiza-se, então, uma comparação sinótica com base em aspectos literários. Diante disso, verifica-se que, ao utilizar as obras canônicas já existentes, o cronista omite e insere material, intensifica a intrusão do narrador e faz alterações no enredo promovendo reflexões sobre temas teológicos diferentes, o que impõe a constatação de que Crônicas tem o seu papel específico no cânon e tem relevância tanto para a leitura quanto para as pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE

Crônicas; Estratégias narrativas; Discurso teológico.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste artigo se baseia na escassez de pesquisas em torno do livro de Crônicas,¹ principalmente no Brasil. Como a abordagem literária

* Ministro presbiteriano e pastor da Igreja Presbiteriana de Botucatu; graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (1998) e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2010); mestre em Teologia pelo CPAJ (2008); mestre em Letras pela UPM (2017) e doutorando em Letras pela UPM.

¹ Neste artigo Samuel, Reis e Crônicas são tratados cada um como um só livro, como foram constituídos originalmente.

é ainda tímida nos estudos bíblicos, ela foi escolhida para o desenvolvimento do estudo. Esta pesquisa justifica-se no âmbito social pelo impacto que pode ter em comunidades religiosas de leitores da Bíblia, haja vista a negligência de muitos leitores quanto ao livro de Crônicas pelo fato de pensarem que o livro apenas repete a história de outras obras.² Um exemplo disto é o Curso Bíblico, originalmente publicado em alemão com o nome de *Stuttgarter Bibelkurs*, publicado no Brasil pela Sociedade Bíblica do Brasil. Nesse livro não há sequer um capítulo sobre Crônicas, e sobre ele apenas se diz: “Os livros de 1 e 2 Crônicas não serão apresentados com detalhes nesse curso bíblico, pois praticamente relatam a história de Israel paralelamente com os livros de Samuel e Reis”.³

De fato, uma leitura superficial do livro de Crônicas pode dar a impressão de que ele é uma simples repetição do que já está nos livros de Samuel e de Reis. No entanto, se assim fosse, não seria necessário um novo livro que apenas repetisse o que já consta em outros. O que talvez tenha prejudicado o interesse pela leitura é o fato de Samuel e Reis se localizarem imediatamente antes de Crônicas no cânon cristão.

O objetivo geral desta pesquisa é apresentar uma introdução à abordagem literária do livro de Crônicas e identificar o que o livro apresenta como contribuição canônica, sendo a segunda obra que trata do período da monarquia. A fim de atingir esse objetivo, serão descritas as diferenças entre Crônicas e os livros de Samuel e Reis, e se verificará quais as estratégias utilizadas para a composição da nova mensagem.

O estudo é constituído de pesquisa bibliográfica, comparação sinótica e análise literária. A pesquisa bibliográfica aponta que estudos já foram realizados na comparação entre Samuel e Reis e o livro de Crônicas. Para comparar os livros, se colocará lado a lado os livros de Samuel e Reis e o livro de Crônicas, com o propósito de identificar o que foi retirado e o que foi acrescentado. A partir daí, passa-se a demonstrar como uma abordagem do narrador via teoria literária contribui para o desenvolvimento da pesquisa.

A teoria que serve de referência à pesquisa foi desenvolvida por Franz Karl Stanzel. Ele trabalhou a narrativa a partir do conceito de mediação. Para ele, o narrador é um mediador que se utiliza de recursos diversos para influenciar seu leitor. Essa mediação pode sofrer variações em grau. O conceito de mediação de Stanzel descreve como o narrador intervém.⁴ Ele é sempre o mediador entre

² ADLER, Joshua J. “Chronicles: The Neglected Books of the Bible”. *Jewish Bible Quarterly*, v. 37, n. 2, 2009, p. 113-117.

³ MACK, Ulrich. *Curso Bíblico SBB*. Trad. Irene Renhold e Sílvia Renhold Timm. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014, p. 279.

⁴ STANZEL, Franz Karl. *A Theory of Narrative*. Trad. Charlotte Goedsche. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 4-21.

a história e o leitor, mas o narrador pode falar diretamente a ele ou deixar que o leitor contemple a cena, dando a impressão de estar ausente ou causando a sensação de que a história não está sendo mediada. Neste caso, o efeito é a impressão causada no leitor de estar contemplando os personagens, devendo tirar suas próprias conclusões; é um apelo à função hermenêutica do leitor.

Para descrever tais recursos, Stanzel desenvolveu uma tipologia analítica para a narrativa, que denominou de “situação narrativa” ou “ponto de vista”. Segundo ele, a situação narrativa pode ser autoral, em primeira pessoa ou personativa, cada uma delas variando entre dois polos.⁵ A situação que interessa à presente pesquisa é a autoral, que varia entre as perspectivas interna e externa.⁶ Na situação narrativa autoral, o autor se faz explicitamente presente porque se dirige diretamente ao leitor tecendo comentários sobre os acontecimentos enquanto narra. O autor toma o leitor pelas mãos para guiá-lo pelo mundo ficcional. É nessa situação que o narrador se comporta como onisciente, e é ela que possibilita que ele faça comentários e avaliações, dirigindo-se diretamente ao leitor.⁷

João Leonel, ao comentar sobre a teoria de Stanzel, afirma que “o texto moldado na perspectiva externa, por estar voltado para artifícios estéticos direcionados para o leitor, conterà maior capacidade retórica de convencimento”.⁸ O predomínio da perspectiva externa na Bíblia é uma das preocupações desta pesquisa, pois pela perspectiva externa o autor constrói um narrador onisciente que opina e interpreta para o leitor.

1. HISTÓRIA DA PESQUISA

Diversas abordagens já foram dadas aos estudos do livro de Crônicas. Tratam de temas como sua aceitação no cânon, a natureza de sua composição e as fontes utilizadas. As abordagens referentes à história do livro e às histórias que ele narra já tiveram inúmeras versões. Além do estudo histórico, o estudo textual também teve sua proeminência. Uma vez que o livro de Crônicas repete muitas narrativas procedentes de Samuel e Reis, problemas de crítica textual puderam ser resolvidos por meio dele. Exemplo disto é o texto de 1 Crônicas 20.5, que serviu de parâmetro para estabelecer o texto de 2 Samuel 21.19, que continha duas evidentes corrupções.⁹

⁵ Ibid., p. 46-78.

⁶ Ibid., p. 111-140.

⁷ MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. Trad. Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2009, p. 125, 128-129.

⁸ ZABATIERO, Júlio P. T.; LEONEL, João. *Bíblia, literatura e linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 88.

⁹ WRIGHT, J. S. “Crônicas, Livros de”. In: DOUGLAS, J. D. (Org.) *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1991, v. A-I, p. 358.

Os mais remotos usos do livro de Crônicas influenciaram os estudos até o período moderno. A própria maneira como foi nomeado em sua versão grega, na Septuaginta, influenciou os estudos nos últimos séculos. O título que ali recebeu foi *Paraleipomena*, que significa “coisas omitidas”. No período anterior ao surgimento da crítica bíblica, mesmo tendo sido considerado confiável pelos judeus e pela igreja cristã, a ideia de que Crônicas era um suplemento dos livros de Samuel e Reis contribuiu para que fosse estudado prioritariamente naquelas passagens onde os “completaria”. Esta é a principal razão pela qual os estudos deste livro foram reduzidos ao mínimo.¹⁰

Poucos exemplares de Crônicas foram encontrados entre os manuscritos de Qumran. Tanto o Talmude¹¹ quanto a Mishnah¹² consideram-no um livro para meditação dos sábios em detrimento dos leigos. Além disso, o livro foi visto como um Midrash¹³ de Esdras sobre as histórias de Samuel e Reis. Foi muito difundido que as diferenças de Crônicas em relação a Samuel e Reis vieram de alterações tendenciosas, teologicamente motivadas. Posteriormente, no século XIX, isso foi refutado pelos estudos de Wilhelm M. L. De Wette, o pioneiro na comparação entre textos do Antigo Testamento para produzir um relato da história da religião de Israel.¹⁴

Outro fator determinante para os estudos do livro foi o fato de ter sido deslocado para compor uma seção que, em Bíblias subsequentes, ficou conhecida como “Livros históricos”.¹⁵ Isto fez com que sua natureza teológica fosse ofuscada e sua precisão histórica, desafiada. A questão da confiabilidade histórica dominou as primeiras discussões sobre Crônicas. Wellhausen, por exemplo, no final do século XIX, considerou que Crônicas era menos confiável do que Samuel e Reis em matéria de historicidade.¹⁶ Albright, por sua vez, na década de 1950, defendeu que há historicidade em Crônicas,¹⁷ embora admitisse que

¹⁰ THRONTVEIT, Mark A. In: VANHOOZER, Kevin J. (Ed. Ger.). *Dictionary for Theological Interpretation of the Bible*. Grand Rapids: Baker Academic, 2005, p. 109.

¹¹ Livro central para o judaísmo que contém registros de discussões rabínicas. Existe a versão de Jerusalém, escrita no 3º século, e a versão da Babilônia, duzentos anos mais tarde.

¹² Uma das principais obras do judaísmo rabínico. É a fonte central do pensamento judaico posterior ao terceiro século.

¹³ Compilação de ensinamentos sobre a interpretação de histórias bíblicas que procura preencher lacunas deixadas nas narrativas.

¹⁴ ROGERSON, J. W. In: MCKIM, Donald K. (Ed.), *Dictionary of Major Biblical Interpreters*. Downers Grove: IVP Academic; Nottingham: Inter-Varsity Press, 2007, p. 357.

¹⁵ Na Bíblia Hebraica, o livro das Crônicas encontra-se numa seção chamada “Escritos”, enquanto que Samuel e Reis situam-se entre os “Profetas Anteriores”. Na Bíblia cristã os três são colocados em sequência numa seção denominada “Livros Históricos”.

¹⁶ PELTONEN, Kai. *History Debated: The Historical Reliability of Chronicles in Pre-Critical and Critical Research*. Helsinki, Finlândia: The Finnish Exegetical Society, 1996, v. 1, p. 236-237.

¹⁷ JAPHET, S. *From the Rivers of Babylon to the Highlands of Judah: Collected Studies on the Restoration Period*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2006, p. 129.

os números fossem exagerados. Em estudos mais recentes, a questão do valor histórico de Crônicas tem deixado espaço para o estudo do material adicional trazido pelo livro.

Welten, em seus estudos na década de 1970, considerou irreais os relatos de construções e de guerras que não encontram paralelo em Samuel ou Reis. Contudo, alegou que tais relatos sempre acompanham aqueles reis cuja avaliação do narrador era positiva.¹⁸ Isto é reconhecido ao final da mesma década inclusive por Williamson, que considera que as narrativas adicionais tenham um núcleo histórico, embora sejam produto da linguagem do cronista para tratar de guerras santas.¹⁹

Até há pouco tempo, o livro de Crônicas e os livros de Esdras e Neemias eram vistos como duas partes de uma mesma obra. Como resultado disto, Crônicas foi lido através das lentes de Esdras-Neemias. Apesar de todas as similaridades entre tais obras, os assuntos teológicos principais são distintos. O debate ainda permanece aberto, mas já há um consenso muito maior em relação à autoria independente.²⁰ Além disso, considera-se que as genealogias do início do livro de Crônicas servem aos propósitos apenas desse livro.

Apesar de as fontes de Crônicas serem geralmente aceitas, a partir de M. Noth parte do material inserido nas narrativas de Samuel e Reis começou a ser considerado glosa do cronista, tais como materiais levíticos²¹ e outras porções.²² Noth entendeu que o livro de Crônicas se tratava de uma resposta ao cisma samaritano. Porém, posteriormente, constatou-se que o cisma ocorreu no segundo século antes de Cristo, e não no terceiro, como afirmava Noth.²³ Isto significa que a ideia de Noth foi desbancada por motivo de anacronismo. Welten, por sua vez, aponta os problemas entre os ptolomeus e os selêucidas, que ocorreram no século terceiro, como o contexto social mais apropriado para a interpretação de Crônicas.²⁴

¹⁸ CUDWORTH, Troy D. *War in Chronicles: Temple Faithfulness and Israel's Place in the Land*. London: Bloomsbury T&T Clark, 2016, p. 118.

¹⁹ KLEIN, Ralph W. In: FREEDMAN, David Noel (Ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992, v. A-C, p. 997-998.

²⁰ JAPHET, S. "The supposed common authorship of Chronicles and Ezra-Nehemiah investigated anew". *Vetus Testamentum* 18, 1968, p. 330-371.

²¹ WILLI, Thomas. *Die Chronikalsauslegung: Untersuchungen zur literarischen Gestaltung der historischen Überlieferung Israels*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1972, p. 194-204.

²² KLEIN, Ralph W. In: FREEDMAN, David Noel (Ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992, v. A-C, p. 993-994.

²³ MCCREERY, D. W. In: MCKIM, Donald K. (Ed.), *Dictionary of Major Biblical Interpreters*, Downers Grove: IVP Academic; Nottingham: Inter-Varsity Press, 2007, p. 778.

²⁴ THRONTVEIT, Mark A. In: VANHOZER, Kevin J. (Ed.). *Dictionary for Theological Interpretation of the Bible*. Grand Rapids: Baker Academic, 2005, p. 110.

Os pontos demonstrados até aqui são determinantes para que o livro de Crônicas tenha recebido bem pouca atenção em relação aos demais livros bíblicos, tanto em círculos judaicos quanto cristãos. Somente no período moderno é que Crônicas tem sido lido pelo ângulo de como ele apresenta Israel nos aspectos histórico e teológico. Desde o período antigo até meados do século XX, Crônicas foi considerado um livro que apresenta informações complementares a Samuel e Reis, que eram considerados as principais fontes da história. Desse fato decorre a negligência que recebeu desde a exegese rabínica até o período moderno.²⁵

Na década de 1980, as discussões giravam em torno da confiabilidade da história narrada em Crônicas para a composição da história de Israel.²⁶ Questões sobre o gênero literário também têm sido levantadas. Há aqueles que defendem um gênero chamado “Bíblia reescrita”, baseado em documentos encontrados em Qumran,²⁷ assim como outros defendem tratar-se de um “segundo épico nacional”.²⁸ Para alguns, Crônicas é livro de um teólogo; para outros, de um exegeta, ou ainda de um historiador.²⁹ Dentro desses debates mais recentes, Knoppers se opõe à definição de Crônicas como “Bíblia reescrita” em favor da posição de que o livro seja uma interpretação com a finalidade de sanar determinadas obscuridades. Assim, ele propõe que a definição da natureza da obra se dê não apenas pela descrição de sua forma, mas também de sua intenção.³⁰

Apesar de Crônicas ter recebido pouca atenção de pesquisadores em comparação com a maior parte dos livros bíblicos, diversas teorias e pesquisas em diferentes áreas foram estabelecidas. Nota-se, no entanto, uma lacuna em relação aos aspectos literários. Como os estudos literários têm sido usados mais recentemente para estudos da Bíblia, é razoável que os livros mais populares sejam os primeiros a receber atenção. Como já apontado anteriormente, Crônicas não está entre os mais populares. Tendo sido em geral menos estudado que os demais, é ainda mais carente de estudos literários.

O livro de Crônicas tem como característica a reutilização de todo o material canônico em que consta a história do período da monarquia do povo

²⁵ Ibid.

²⁶ GRAHAM, Matt P. *The Utilization of 1 and 2 Chronicles in the Reconstruction of Israelite History in the Nineteenth Century*. Atlanta: Scholars Press, 1989.

²⁷ TUELL, Steven S. *Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching – First and Second Chronicles*. Louisville: John Knox, 2001, p. 7.

²⁸ ZVI, Ehud Ben. In: KNOWLES, Melody D. “New Studies in Chronicles: a discussion of two recently published commentaries”. *The Journal of Hebrew Scriptures*, v. 5, 2005, artigo 20, p. 32.

²⁹ JONKER, Louis. “Reforming history: the hermeneutical significance of the books of Chronicles”. *Vetus Testamentum* 57, 2007, p. 21-24.

³⁰ Ibid., p. 24.

de Israel. A razão para a escrita de outro livro sobre o mesmo período somente se justifica pelo propósito de estabelecer uma nova mensagem teológica, ou seja, uma abordagem complementar e adaptada à necessidade do povo de Israel no momento de sua reestruturação. Primeiramente, se verificará a relação de Crônicas com suas fontes canônicas. Então, se descreverá as diferenças e semelhanças entre as duas obras anteriores e o livro de Crônicas.

2. SAMUEL E REIS COMO FONTES DE CRÔNICAS

Os três livros com que esta pesquisa está trabalhando são dependentes de fontes históricas. Algumas delas são mencionadas, mas provavelmente existem outras. O livro de Samuel menciona apenas uma fonte: o Livro dos Justos (2 Sm 1.18), o qual já fora citado no livro de Josué (10.13). É uma obra perdida e, pelo conteúdo que se repete, provavelmente trata-se de registros de celebrações de atos de heróis. Há quem o identifique com o Livro das Guerras do Senhor, citado em Números 21.14.³¹

A primeira parte do livro de Crônicas (1 Crônicas), que corresponde a Samuel, apresenta como fontes o Livro dos Reis de Israel (1 Cr 9.1), as crônicas de Samuel (1 Cr 29.29), as crônicas do profeta Natã (1 Cr 29.29) e as crônicas de Gade (1 Cr 29.29). Nenhuma das fontes citadas ainda existe. Além destas, outras podem ser deduzidas, como os livros canônicos de Gênesis (5.1-20; 35.22; 49.3,4), Êxodo (6.15), Números (26.12-14), Josué (7.1) e Rute (4.18-22), usados para compor a seção das genealogias; Juízes (1.21 – cf. 1 Cr 11.4) e Salmos (96; 105.1-15; 106.1, 47, 48 – cf. 1 Cr 16.8-36).

O livro dos Reis apresenta duas fontes: o Livro da História dos Reis de Israel (1 Rs 14.19; 15.31; 16.5, 14, 20, 27; 22.39; 2 Rs 1.18; 10.34; 13.8, 12; 14.15, 28; 15.11, 15, 21, 26, 32) e o Livro da História dos Reis de Judá (1 Rs 14.29; 15.7, 23; 22.46; 2 Rs 8.23; 12.19; 14.18; 15.6, 36; 16.19; 20.20; 21.17, 25; 23.28; 24.5). Correspondendo ao período narrado em Reis, a segunda parte de Crônicas (2 Crônicas) tem como fontes: Livro da História de Natã (2 Cr 9.29), Livro da História de Semaías (2 Cr 12.15), História dos Videntes (2 Cr 33.19), Profecia de Aías (2 Cr 9.29), Visões de Ido (2 Cr 9.29), Registro das Genealogias (2 Cr 12.15), Livro da História do Profeta Ido (2 Cr 9.29; 12.15; 13.22), Livro da História dos Reis de Judá e Israel (2 Cr 16.11; 25.26; 28.26; 32.32), Livro da História dos Reis de Israel e Judá (2 Cr 27.7; 35.27; 36.8), Livro da História dos Reis de Israel (2 Cr 20.34), Livro de Lamentações (2 Cr 35.25) e Visão do profeta Isaías, filho de Amoz (2 Cr 26.22; 32.32). A citação desses materiais possibilitava ao leitor pesquisar aquilo que o escritor não

³¹ VAN SELMS, A. “Livro dos Justos”. In: DOUGLAS, J. D. (Org.) *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1991, v. J-Z, p. 949-950.

teve interesse em colocar na sua obra. Dentre as fontes não citadas é possível deduzir Isaías 36.1–39.8 (2 Cr 32) e Jeremias 52.1-30 (2 Cr 36.11-21).

A respeito da relação do livro de Crônicas com os livros de Samuel e de Reis, o que se debate é se realmente o autor de Crônicas transcreveu trechos desses livros ou se apenas utilizou fontes comuns.³² A maioria dos estudiosos entende que Samuel e Reis foram fontes para a composição de Crônicas.³³ Atentando-se para o fato de que os livros mencionados em Samuel e Reis não se repetem entre os mencionados em Crônicas, pode-se considerar que esses foram as próprias fontes do Cronista, que incrementou a história com outras fontes. É sobre esta hipótese que a presente pesquisa se fundamenta. De qualquer forma, variações em palavras, expressões ou no próprio arranjo demonstram que a obra não é simplesmente uma costura de fragmentos, e sim um trabalho proposital, sob reflexão.

Considerando o enredo da narrativa acerca do reinado de Ezequias, encontrada em Isaías, Reis e Crônicas, pode-se notar claramente a tendência do autor de Reis de copiar mais fielmente de sua fonte do que o de Crônicas (Is 36.1-39.8; 2 Rs 18.1-20.22; 2 Cr 29.1–32.33). Reis também faz acréscimos ao texto de Isaías, mas não o altera. Além disso, nada retira, senão o cântico de Ezequias (Is 38.9-22). Nesse ponto, vê-se que o autor de Reis segue muito fielmente o texto fonte. Não é possível fazer a mesma comparação com outras fontes bibliográficas, mas a partir dessa se pode deduzir que os outros trechos do livro podem ter seguido muito mais fielmente os textos fontes do que o cronista. Isto reforça a ideia de que Crônicas tem um propósito maior do que simplesmente registrar história ou acrescentar “coisas esquecidas”: o livro comenta as obras anteriores.

Para detectar o que o cronista fez e que recursos literários utilizou, será necessário analisar quais trechos de Samuel e Reis foram omitidos e quais trechos que em Crônicas foram inseridos; quais os temas que ficaram de fora e quais foram destacados. Embora não tenha se limitado a eles, o cronista reconheceu e respeitou a autoridade dos livros já canonizados.³⁴ Ao fazer uso de suas narrativas, ele recorta, acrescenta, altera a ordem e faz mudanças comentando a história, elaborando seu discurso e transmitindo sua teologia a uma nova geração.

³² ARCHER JR., Gleason L. *Merece confiança o Antigo Testamento?* 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 352.

³³ Como exemplos, podem ser mencionados: MCKENZIE, *I & II Chronicles*, posição 435-457; JAPHET, 1993, p. 16-18; CURTIS; MADSEN, 1994, p. 17; BRAUN, 1986, p. xxxiii.

³⁴ ARNOLD, Bill T.; BEYER, Bryan E. *Descobrimo o Antigo Testamento*. Trad. Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 254.

3. COMPARAÇÃO ENTRE O LIVRO DE CRÔNICAS E SUAS FONTES

Mesmo sem uma leitura muito atenta, percebe-se que grandes seções foram omitidas e outras igualmente extensas foram inseridas.³⁵ Aqui se especificará o que aconteceu com cada parte de Samuel e de Reis no livro de Crônicas para possibilitar a sua análise em seguida.

3.1 *Comparação entre os enredos de Samuel e Crônicas*

A primeira grande parte omitida pelo narrador de Crônicas é praticamente o primeiro livro de Samuel inteiro. Apenas o último capítulo é parte do interesse do cronista. Ele omite, portanto, toda a história do rei Saul, o primeiro rei israelita. O livro de Samuel começa com a história do profeta Samuel desde antes de seu nascimento, o motivo pelo qual foi consagrado a Deus e sua mocidade (1 Sm 1.1–2.26). Segue com suas primeiras profecias e visões (1 Sm 2.27–3.21); os problemas dos israelitas com os filisteus (1 Sm 4.1–7.17); o pedido do povo por um rei (1 Sm 8.1–22); a escolha de Saul, da tribo de Benjamim, como rei (1 Sm 9.1–11.15); o reinado de Saul, sua desobediência a Deus, a escolha de Davi, da tribo de Judá, para ser o próximo rei e seu sucesso como guerreiro (1 Sm 12.1–30.31). Somente o capítulo 31 do primeiro livro de Samuel, que narra a morte de Saul, é inserido no livro das Crônicas. Porém, antes de inseri-lo, o narrador exibe uma extensa genealogia desde Adão, o primeiro homem da Bíblia, até os seus dias (1 Cr 1.1–9.34).

A genealogia resume muito da história sem precisar contá-la novamente, trazendo à memória dos leitores tudo aquilo que a tradição já se incumbira de inculcar na mente dos israelitas em termos de uma teologia e de um pensamento nacional. A maneira como a genealogia foi colocada apresenta um discurso que será refletido no restante da obra, ou seja, a mensagem do livro é sumariada pela genealogia. Ela tem uma forma quiástica, sendo de fora para dentro: mundo, Israel, tribos reais,³⁶ demais tribos, levitas.³⁷ Assim, as tribos reais emolduram as partes referentes às tribos de Israel, e os levitas ficam centralizados. Isto já antecipa a teologia do livro e ajuda a explicar as omissões e os acréscimos do narrador. A mensagem é que os levitas devem ser valorizados como os únicos que podem realizar serviços no templo e todas as demais tribos dependem deles para o ato de adoração, sem o qual não há bênçãos sobre toda a nação.

³⁵ Como exemplo, pode-se mencionar a omissão das longas narrativas dos reis do Reino do Norte e as muitas genealogias, listas e relatórios inseridos.

³⁶ Tribo real é o nome escolhido para designar as tribos que tiveram ao menos um rei em Israel, no caso, Benjamim e Judá.

³⁷ SPARKS, James T. *The Chronicler's Genealogies: Towards an Understanding of 1 Chronicles 1-9*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2008.

As tribos reais são duas: Judá, de onde vem a dinastia de Davi, tida como ideal por promover o culto (templo, serviço religioso levita), e Benjamim, que teve unicamente Saul no trono, o primeiro rei, que foi infiel e que por isso não deveria permanecer no trono.

Logo em seguida, há outra seção omitida (2 Sm 1.1–4.12). Nessa parte, são descritos os acontecimentos que explicam como o reino passou a Davi, o que não aconteceu tão facilmente. O texto mostra Davi indisposto a buscar o trono de modo inapropriado (1.1-27) ou prematuro (2.1–3.5). Mesmo que tudo colabore para que Davi seja o rei, ele se dissocia de toda a trama contra seus oponentes. É mais uma história que mostra que Davi não assumiu o trono de forma tão tranquila (2 Sm 3.6–4.12), mas o autor de Crônicas resolveu nada dizer sobre isso. De toda essa seção, apenas 3.2-5 foi aproveitado pelo narrador de Crônicas ao elaborar a grande genealogia inicial. De início, o reino de Davi era apenas Judá.

O cronista, em 1 Crônicas 11.1-9, mantém o texto de 2 Samuel 5.1-10, no qual a totalidade dos israelitas se reúne para a entronização de Davi. Além disso, um fato de grande importância que consta nesse trecho é a tomada de Jerusalém e o crescimento do poder do novo rei. O restante do capítulo (2 Sm 5.11-25), embora deslocado mais à frente (1 Cr 14.1-17) em seu enredo, é também aproveitado pelo narrador. Nesse trecho, consta o apoio de Hirão, rei de Tiro, a Davi, a investida dos filisteus contra o novo rei de Israel e sua vitória sobre eles, tendo como fato indispensável que Davi nada fez antes de consultar a Deus. Sua vitória mostrou que Deus o ajudava, dando-lhe inclusive a estratégia.

Depois disto, o narrador de Crônicas traz para a sequência de seu enredo o texto de 2 Samuel 28.8-39, que mostra outra vitória sobre os filisteus, uma relação de homens valentes que estavam sob a direção de Davi e alguns de seus feitos extraordinários, além do respeito que Davi tinha por suas vidas. Isto revela o poder de Davi, seu caráter e o apoio recebido de Deus. Tendo deslocado o texto de 2 Samuel para trás, acrescenta ao seu enredo o trecho de 1 Crônicas 12.1–13.4. Foi importante para o narrador incluir essa parte, pois consta de cinco detalhes que reforçam o discurso de que Davi era aprovado por Deus e deveria ser rei: 1. valentes com grandes qualidades que se ajuntaram a Davi, incluindo os da casa de Saul e das diversas tribos de Israel; 2. o exército formado foi muito grande e contribuiu para fazer de Davi o rei em lugar de Saul; 3. todo o Israel queria Davi como rei; 4. houve provisão de alimento; 5. há uma fala de Davi em discurso direto pronunciando sua intenção de trazer a arca da aliança e que nos dias de Saul não houve tal privilégio (13.3).

1 Crônicas 13.5-14 corresponde a 2 Samuel 6.1-11, que consta de uma tentativa de levar a arca da aliança para Jerusalém. A tentativa foi frustrada

porque a arca não foi levada da forma correta, ou seja, foi transportada num carro de boi quando só poderia ser conduzida por levitas da maneira como a lei orientava (Nm 4.1-15; Dt 10.8). Quando os bois tropeçam e a arca se desequilibra sobre o carro, Uzá tenta salvá-la, mas morre, porque ninguém poderia tocar na arca. É um texto que defende a exclusividade dos levitas no manuseio dos utensílios sagrados e, conseqüentemente, sua importância na vida religiosa do povo.

Como a seqüência de 1 Crônicas 14.1-17, que desloca 2 Samuel 5.11-25, já foi comentada anteriormente, verifica-se agora a inserção do texto de 1 Crônicas 15.1-24. Nesse ponto, narra-se como Davi levou a arca para Jerusalém. Após o fracasso (1 Cr 13.5-14), ele reconhece que só os levitas poderiam transportá-la (1 Cr 15.2, 12-13). Preparou um lugar para ela, reuniu todo o Israel (uma indicação da unificação do reino), especialmente os sacerdotes e levitas, descrevendo cada clã desta tribo, para deixar registrado como era a organização anterior ao exílio, defendendo assim que ela deveria ser respeitada da mesma forma no período pós-exílico. Todos cumpriram rigorosamente os ritos exigidos na Lei. O trecho menciona também que Davi organizou os levitas em músicos instrumentistas e cantores.

O texto de 2 Samuel 6.12-23 é reproduzido em 1 Crônicas 15.25–16.43, porém com um relevante acréscimo: a designação dos levitas e sacerdotes que ministrariam diante da arca e os músicos, um hino de gratidão e louvor a Deus com a concordância de todo o povo e a indicação de que os sacrifícios eram feitos de acordo com a Lei de Moisés (1 Cr 16.4-42). Ao mesmo tempo em que o narrador insere muita informação, também omite a desaprovação de Mical, esposa de Davi e filha do rei Saul, a Davi por ter este se humilhado ao demonstrar alegria com a chegada da arca (2 Sm 6.20b-23).

O texto seguinte também é reproduzido. O capítulo 7 de 2 Samuel narra como o rei Davi decidiu construir o templo em Jerusalém e Deus não permitiu que o fizesse. Dois longos discursos diretos são apresentados: o discurso de Deus e o de Davi; neles, tanto os motivos da não aceitação são apontados, quanto a promessa de que o sucessor de Davi o faria. A resposta de Davi reconhece os feitos divinos em sua vida e se submete à vontade de Deus. A reprodução dessa cena no capítulo 17 de 1 Crônicas é quase idêntica, divergindo apenas em poucas palavras ou expressões que não correspondem a alterações significantes. A única observação realmente importante que se faz acerca da reprodução é a omissão da condicional da promessa: o filho de Davi construiria o templo e seu trono seria firmado para sempre, mas seria castigado caso se tornasse transgressor (2 Sm 7.14). Uma série de vitórias de Davi é mencionada em seguida (1 Sm 8) e reproduzida em 2 Crônicas 18.

O narrador omite o capítulo 9 de 2 Samuel em Crônicas, texto no qual Davi procura fazer o bem a um descendente de Saul. O capítulo 10 de 2 Samuel

é reproduzido em 1 Crônicas 19: Davi resolve fazer o bem ao filho do rei amonita, depois de sua morte, para retribuir a bondade que recebera daquele rei. No entanto, Davi é mal interpretado e seus enviados são humilhados. A partir daí uma batalha é desencadeada, com a vitória dos homens de Davi sobre os amonitas e também sobre os sírios, que com eles se aliaram. 1 Crônicas 20.1-3 narra a destruição da terra dos amonitas pelos oficiais de Davi e a conquista de Rabá. Esse trecho reproduz 2 Samuel 11, porém omite a parte mais extensa que, para o escritor do livro de Samuel seria a parte mais importante: os pecados de Davi e a repreensão do profeta Natã (2 Sm 11.2–12.28). Seus pecados foram o adultério com Bete-Seba e sua responsabilidade na morte de seu marido Urias. Antes de apresentar o profeta que o repreenderia, o narrador apresenta sua avaliação: “Porém isto que Davi fizera foi mal aos olhos do SENHOR” (11.27). O enredo de Samuel demonstra que tal pecado de Davi foi punido severamente,³⁸ reservando quase nove capítulos para relatar tensões na vida e no reinado de Davi. Tais tensões foram: o estupro ocorrido dentro da família de Davi (2 Sm 13.1-19), a morte de seu filho Amnon (2 Sm 13.20-33), a instabilidade nacional (2 Sm 13.34–14.33) e o ponto mais alto da punição divina, quando Absalão, filho de Davi, monta uma rebelião (2 Sm 15.1–18.33) que não foi bem sucedida, mas que gerou um estado de inquietação (2 Sm 19.1–20.26).

Todas essas situações vergonhosas na família e no reino de Davi foram omitidas pelo narrador de Crônicas, como também o capítulo 21 de 2 Samuel, onde se diz que Davi reparou o erro de Saul para que a fome, que já durava três anos, cessasse. O narrador omite ainda 2 Samuel 21.15-17, onde a fragilidade de Davi fica evidente por causa de seu cansaço e por sua vida ter sido salva por um homem seu. O narrador reproduz a partir desse ponto 2 Samuel 21.18-22, onde outras vitórias de Davi são mencionadas, inclusive contra homens fortes e gigantes (1 Cr 20.4-8). O livro de Samuel ainda coloca um cântico que relata a fragilidade de Davi e a dificuldade com que reassumiu o trono (2 Sm 22), além de suas últimas palavras (2 Sm 23.1-7). O texto da sequência (2 Sm 23.8-39) fora utilizado pelo narrador, porém colocado em seção anterior (2 Cr 11.10-47), conforme já comentado.

³⁸ PINTO, Carlos Osvaldo C. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 301-304.

Tabela 1: O reinado de Davi – comparação dos enredos

SAMUEL	CRÔNICAS
2 Sm 9.1-13 – Davi faz bem a um descendente de Saul	
2 Sm 10.1-19; 1 Cr 19.1-9 – Davi resolve fazer o bem ao filho do rei Amonita	
<p>2 Sm 11.1-12.28 – o pecado de Davi: “Decorrido um ano, [...]; porém Davi ficou em Jerusalém” (v. 1)</p> <p>2 Sm 11.2-12.25 – o adultério de Davi, sua responsabilidade na morte de Urias e a repreensão do profeta Natã</p> <p>2 Sm 12.26-31 – a tomada de Rabá “Tirou a coroa da cabeça do seu rei [...]. Voltou Davi com todo o povo para Jerusalém” (v. 30)</p>	<p>1 Cr 20.1-3 – a tomada de Rabá “Decorrido um ano, [...]; porém Davi ficou em Jerusalém” (v. 1)</p> <p>“Tirou Davi a coroa da cabeça do seu rei [...]. Voltou Davi, com todo o povo, para Jerusalém” (v. 2)</p>
2 Sm 13.1-19 – o estupro de Tamar	
2 Sm 13.20-33 – a morte de Amnon	
2 Sm 13.34-14.33 – a instabilidade nacional	
2 Sm 15.1-18.33 – a rebelião de Absalão	
2 Sm 19.1-20.26 – inquietações no reinado de Davi	
2 Sm 21.1-14 – Davi repara o erro de Saul para que a fome da terra cesse	
2 Sm 21.15-17 – Abisai salva a vida de Davi	
2 Sm 21.15-17; 1 Cr 20.4-8 – guerras e vitórias sobre os filisteus	
2 Sm 22.1-51 – cântico de Davi	
2 Sm 23.1-7 – últimas palavras de Davi	
2 Sm 23.8-39 – relação dos valentes de Davi	1 Cr 11.10-47 – relação dos valentes de Davi (texto deslocado no enredo)
2 Sm 24.1-25; 21.28-29.30 – o censo de Davi	
	1 Cr 21.28-29.30 – os preparativos para a construção do templo

Diferentemente de outras passagens, em 1 Crônicas 21.1-27 o narrador mantém a narrativa do pecado de Davi que consta em 2 Samuel 24.1-25. Aqui termina o livro de Samuel, mas o livro de Crônicas continua e aponta para tal narrativa como a justificativa para a localização do templo (1 Cr 21.28–22.1). Essa é a razão pela qual um pecado de Davi foi relatado em Crônicas.

Segue o longo acréscimo final do primeiro livro de Crônicas, mostrando como Davi tomou a atitude de deixar tudo providenciado para a construção do templo por seu filho Salomão, tanto a mão de obra quanto o material. Davi deu todo incentivo e organizou as ordens de sacerdotes e levitas em turnos e de acordo com as diversas funções: músicos, porteiros, oficiais. O texto fornece exemplos de generosidade que demonstram o apoio recebido por Davi (1 Cr 22.2–29.30).

3.2 Comparação entre os enredos de Reis e Crônicas

O segundo livro das Crônicas é paralelo ao livro de Reis. De início, os dois primeiros capítulos de Reis foram omitidos. 1 Reis 1.1–2.46 mostra que o reino não passou a Salomão de forma tão fácil e natural. Houve tramas, lutas e mortes até mesmo dentro da família real. Quase todo o enredo do reinado de Salomão terá paralelo em ambos os livros, com trechos omitidos e outros acrescentados. Apenas a parte final será totalmente omitida em Crônicas.

Ao se verificar as diferenças dentro da reprodução desse relato, percebe-se a omissão de 1 Reis 3.1-3. Ali consta o comentário de que Salomão se casou com a filha do Faraó, o que não parece apresentar um fator positivo na vida do rei. Isso se pode deduzir do fato de que, terminado o templo, ela não permaneceria na cidade. A informação de que o povo e seu rei sacrificavam nos diversos altares é apresentada como uma exceção à boa conduta. O narrador expande a informação de 1 Reis 3.4, de que Salomão ofereceu mil holocaustos no alto de Gibeão (2 Cr 1.1-6). Em torno dessa informação, ele enaltece Salomão e, em vez de dizer que Salomão foi a Gibeão para sacrificar por estar ali o alto maior, ele coloca a razão de sua ida até lá no fato de ali estar a tenda da congregação. O narrador cronista também afirma que o povo foi com Salomão a Gibeão, em vez de frisar que o povo oferecia sacrifícios nos altos. 2 Crônicas 1.6-13 é paralelo a 1 Reis 3.5-15, ambos contendo o relato da aparição em que Deus oferece a Salomão a oportunidade de pedir o que quisesse. Salomão pede sabedoria e Deus lhe concede não só sabedoria, mas também os bens materiais que não pedira.

O relato de 1 Reis 4.1-38, que contém a relação de oficiais reais (v. 1-19), a descrição da prosperidade de Salomão (v. 20-26) e de sua sabedoria (v. 27-34), foi omitido em Crônicas. O narrador não deixa de mencionar a prosperidade de Salomão, mas, para isso, preferiu deslocar 1 Reis 10.26-29 para a sequência da aparição divina em 2 Crônicas 1.11-12.

Um texto com muitos acréscimos e omissões, mas ainda paralelo a 1 Reis 5.1-18, é 2 Crônicas 2.1-18: o texto em que Salomão resolve construir o templo e pede ajuda a Hirão, rei de Tiro. O paralelo continua descrevendo o lugar santo e o santo dos santos (1 Rs 6.1-28; 2 Cr 3.1-14). No livro de Reis, a sequência é a descrição dos palácios do rei (1 Rs 7.1-14). Esse relato, no entanto, não tem paralelo em Crônicas. Então, encontra-se em 2 Crônicas 3.15–4.22 a descrição dos objetos que Salomão fez para o interior do templo (1 Rs 7.15-50); em 2 Crônicas 5.1–7.3, a narrativa do transporte dos objetos que Davi deixara prontos e a arca da aliança para dentro do templo (1 Rs 7.51–8.61); em 2 Crônicas 7.4–8.18, a celebração da festa e a conclusão da construção do templo (1 Rs 8.62–9.28); em 2 Crônicas 9.1-12, o episódio em que a rainha de Sabá ouve acerca da fama de Salomão e vem a ele para conhecer pessoalmente sua sabedoria (1 Rs 10.1-13), e em 2 Crônicas 9.13-28, novas descrições das riquezas de Salomão (1 Rs 10.14-29).

1 Reis 10.26-29 já havia sido transcrito em 2 Crônicas 1.14-17 praticamente sem variações, mas parte dos versículos 26 e 28 e o versículo 27 inteiro são mantidos em 2 Crônicas 9.25-28. Pode-se dizer que 1 Reis 4.1 a 10.29 se constitui numa unidade por causa do tema repetido. Entretanto, a maneira como está em Crônicas forma uma inclusão de 2 Crônicas 1.14 até 9.28, que torna a unidade mais evidente pela repetição da fraseologia.

Os casamentos de Salomão com mulheres estrangeiras, o pecado da idolatria em que ele caiu por causa delas e o castigo que Deus lhe impôs (1 Rs 11.1-40) ficam de fora do texto de Crônicas. A morte de Salomão encontra-se em ambos os textos (1 Rs 11.41-43; 2 Cr 9.29-31).

O reinado de Roboão é retratado tanto em Reis quanto em Crônicas (1 Rs 12.2–14.31; 2 Cr 10.1–12.16). É durante esse reinado que o reino se divide em dois e, a partir desse ponto, o livro de Reis apresentará alternadamente os reis de Judá e de Israel. O livro de Crônicas, por sua vez, traz apenas os reis de Judá. Durante o reinado de Jeroboão, em Israel, Abias passa a reinar em Judá e é retratado em ambas as obras (1 Rs 15.1-7; 2 Cr 13.1-22), assim como seu sucessor Asa (1 Rs 15.8-24; 2 Cr 14.1–16.14). Durante o reinado de Asa, começa a reinar em Israel o rei Nadabe (1 Rs 15.25). Ao findar o relato do rei Asa, o livro de Reis fará uma breve menção a Josafá, deixando para relatar sua história juntamente com a do rei Acabe de Israel. O livro de Crônicas omite os reis de Israel Nadabe (1 Rs 15.25-32), Baasa (1 Rs 15.32–16.7), Elá (1 Rs 16.8-14), Zinri (1 Rs 16.15-20) e Onri (1 Rs 16.21-28) e toma a breve menção ao rei Josafá de Judá deixada pelo livro de Reis no final da narrativa sobre Asa e a desenvolve. Tal desenvolvimento mostra o fortalecimento militar de Josafá bem como seu interesse na religião, ordenando que se ensinasse em todo o seu reino a Lei do Senhor (2 Cr 17.1-19).

Depois da breve menção a Josafá e de falar dos reinados de cinco reis de Israel, o livro de Reis seguirá com uma longa narrativa sobre o rei Acabe (1 Rs 16.29–22.40) e o ministério do profeta Elias, que confronta a idolatria do rei e do reino. Nessa passagem há diversos relatos de milagres que confirmam Elias como profeta. É durante o reinado de Acabe que a narrativa sobre o rei Josafá, de Judá, tem início (1 Rs 22.1-51). O livro de Crônicas retoma sua transcrição do livro de Reis justamente nesse ponto (2 Cr 18.1-34), mencionando o rei Acabe somente onde a história deste interfere na de Josafá (1 Rs 22.1-35). Depois desse paralelo, o livro de Reis dá continuidade à história com o foco em Acabe (1 Rs 22.35-40), para depois relatar o fim do reinado de Josafá (1 Rs 22.41-50), enquanto que o livro de Crônicas mantém o foco em Josafá, num longo texto (2 Cr 19.1–20.37). Nesta parte inserida, o narrador apresenta uma reprovação em discurso direto do profeta Jeú, pelo fato de Josafá ajudar um rei perverso, mas destaca que de sua parte fez coisas boas (2 Cr 19.1-3). O narrador segue aprovando o rei Josafá, que levou o povo a buscar a Deus, estabeleceu juízes (2 Cr 19.4-11) e, quando soube que inimigos viriam contra ele, se colocou com todo o povo a buscar o seu Deus. Como testemunho dessa aprovação, enquanto os levitas louvavam a Deus, os inimigos se destruíram uns aos outros (2 Cr 20 1-30). O livro de Reis, após a narrativa de Acabe, de Israel, e o livro de Crônicas, após a narrativa complementar do rei Josafá, de Judá, se encontram novamente no relato do final do reinado de Josafá (1 Rs 22.41-51; 2 Cr 20.31-37).

Conforme verifica-se na Tabela 2, abaixo, o final da narrativa de Josafá no livro dos Reis (1 Rs 22.51) é transcrito em Crônicas como introdução do reinado de Jeorão (2 Cr 21.1). O livro de Reis só trará a narrativa do rei Jeorão, de Judá, a partir de 2 Reis 8.16, de onde será acompanhado por 2 Crônicas 21.1. De 1 Reis 22.52 até 2 Reis 8.15, o livro de Reis apresentará: o reinado de Acazias em Israel, que foi idólatra e, por isso, confrontado pelo profeta Elias (1 Rs 22.52–2 Rs 1.18); o profeta Eliseu como sucessor de Elias, com relatos de milagres de ambos (2 Rs 2.1-25); o reinado de Jorão, filho de Acabe e irmão de Acazias (2 Rs 3.1-27); diversos milagres e predições do profeta Eliseu que o confirmam como profeta, bem como endossam sua mensagem (2 Rs 4.1–8.15).

Tabela 2: Os reinados de Acabe e de Josafá

1 e 2 REIS	2 CRÔNICAS
1 Rs 22.1-35a; 2 Cr 18.1-34 – aliança entre Josafá e Acabe e a morte de Acabe	
1 Rs 22.35b-40 – final da narrativa de Acabe, rei de Israel	
	2 Cr 19.1-20.30 – prosseguimento da narrativa de Josafá, rei de Judá
1 Rs 22.41-51 – fórmula final do reinado de Josafá (retomada de Josafá para finalizar) <i>“Josafá descansou com seus pais e foi sepultado na Cidade de Davi, seu pai; e Jeorão, seu filho, reinou em seu lugar”</i> (v. 51)	2 Cr 20.31-37 – fórmula final do reinado de Josafá 2 Cr 21:1-20 – o reinado de Jeorão <i>“Descansou Josafá com seus pais e foi sepultado com eles na Cidade de Davi; e Jeorão, seu filho, reinou em seu lugar”</i> [...] (v. 1)
1 Rs 22.52–2 Rs 1.18 – o reinado de Acazias, rei da Israel	
2 Rs 2.1-25 – narrativa dos profetas Elias e Eliseu	
2 Rs 3.1-27 – o reinado de Jorão, rei de Israel	
2 Rs 4.1–8.15 – Milagres e predições do profeta Eliseu	
2 Rs 8:16-24 – o reinado de Jeorão [...] <i>“Era ele da idade de trinta e dois anos quando começou a reinar”</i> [...] (v. 17)	<i>“Era Jeorão da idade de trinta e dois anos quando começou a reinar”</i> [...] (v. 5)

Os reinados de Jeorão e Acazias, de Judá, são retratados tanto em Reis quanto em Crônicas (2 Rs 8.16-29; 2 Cr 21.1–22.6). Porém, ao começar o relato sobre o cumprimento da profecia de Eliseu quanto ao reino de Israel (2 Rs 9.1-37) e seu rei Jeú (2 Rs 10.1-36), o livro de Crônicas novamente silencia. Os dois livros voltam a se encontrar no relato em que Atalia, filha de Acabe, de Israel, mata todos os filhos do rei, com exceção de Joás, que foi escondido por sua tia, e reina sobre Judá (2 Rs 11.1-3; 2 Cr 22.10-12). Ambos os livros prosseguem com interesse no reinado de Joás, de Judá (2 Rs 11.4–12.21; 2 Cr 23.1–24.27). Em Crônicas não é transcrito o reinado de Jeoacaz (2 Rs 13.1-9) nem o de Jeoás (2 Rs 13.10-25), reis de Israel. Nesse último, conta o final do ministério do profeta Eliseu, o cumprimento de sua predição e o milagre realizado após sua morte.

O rei Amazias, de Judá (2 Rs 14.1-20), é a parte do livro de Reis que volta a ser interessante para o narrador de Crônicas (2 Cr 26.1-23). Em seguida, diversos reis de Israel são omitidos em Crônicas: Zacarias (2 Rs 15.8-12), Salum (2 Rs 15.13-16), Manaém (2 Rs 15.17-22), Pecaías (2 Rs 15.23-26) e Peca (2 Rs 15.27-31). Estão nas duas obras os reis de Judá Jotão (2 Rs 15.32-38; 2 Cr 27.1-9) e Acaz (2 Rs 16.1-20; 2 Cr 28.1-27). O último rei de Israel, Oséias, encontra-se somente em Reis (2 Rs 17.1-6).

Após o fim da monarquia de Israel há uma avaliação de todos os seus reis (2 Rs 17.7-41). Consequentemente, a partir deste ponto, todos os reis são de Judá, tanto no livro de Reis quanto no de Crônicas. São eles: Ezequias (1 Rs 18.1–20.21; 2 Cr 29.1–32.33), Manassés (2 Rs 21.1-26; 2 Cr 33.1-20), Josias (2 Rs 22.1–23.30; 2 Cr 34.1–35.27), Jeoacaz (2 Rs 23.31-33; 2 Cr 36.1-3), Jeoaquim (2 Rs 23.34-24.7; 2 Cr 36.4-8), Joaquim (2 Rs 24.8-17; 2 Cr 36.9-10) e Zedequias (2 Rs 24.18–25.30; 2 Cr 36.11-21).

Crônicas termina com um importante acréscimo, que é o decreto de Ciro, o rei da Pérsia, ordenando que os judeus retornassem a Jerusalém a fim de reconstruir o templo (2 Cr 36.22-23). O narrador de Crônicas mostra como os reis que quiseram construir o templo ou restaurá-lo foram agradáveis a Deus. No tempo da escrita do livro, não havia rei em Jerusalém. Judá era nada mais do que a província persa de *Yehud*. O rei era Ciro, da Pérsia. O final do livro é fundamental para se entender a orientação político-teológica da obra. Nele consta a carta de Ciro:

Os que escaparam da espada, a esses levou ele para a Babilônia, onde se tornaram seus servos e de seus filhos, até ao tempo do reino da Pérsia; *para que se cumprisse a palavra do SENHOR, por boca de Jeremias*, até que a terra se agradasse dos seus sábados; todos os dias da desolação repousou, até que os setenta anos se cumpriram. Porém, no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, por boca de Jeremias, *despertou o SENHOR o espírito de Ciro, rei da Pérsia*, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: *Assim diz Ciro, rei da Pérsia*: O SENHOR, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá; quem entre vós é de todo o seu povo, que suba, e o Senhor, seu Deus, seja com ele (2 Cr 36,20-23, grifo nosso).

Terminando o livro dessa forma, a história é concluída com nova construção do templo e nova restauração do culto sob o reinado de Ciro. Esta é uma novidade expressiva em relação ao livro de Reis. Ela interpreta que Judá continua debaixo do governo providencial de seu Deus através de Ciro. Há uma palavra favorável ao rei da Pérsia, pois o narrador diz que o que Ciro fez foi predito numa profecia de Jeremias (Jr 29.10), da parte do Deus de Israel, e que foi este Deus quem despertou Ciro para realizar aquele feito. Além disso, nas próprias palavras do rei persa em sua carta, ele afirma que o Deus dos judeus foi quem lhe deu os reinos da terra e lhe mandou edificar o templo em Jerusalém.

Neste ponto é relevante considerar o que diz o livro de Esdras:

No segundo ano da sua vinda à Casa de Deus, em Jerusalém, no segundo mês, Zorobabel, filho de Sealtiel, e Jesua, filho de Jozadaque, e os outros seus irmãos, sacerdotes e levitas, e todos os que vieram do cativeiro a Jerusalém começaram a obra da Casa do Senhor e constituíram levitas da idade de vinte anos para cima, para a superintenderem (Ed 3.8).

De acordo com a genealogia, Zorobabel, nomeado por Ciro para dirigir a construção juntamente com o sacerdote Jesua, era descendente de Davi. Então, não se tem um rei davídico no trono, mas um descendente davídico no comando, sob um rei que determina a construção. Os valores que percorreram o livro estão presentes: um rei que quer restaurar o templo e o culto, e um descendente de Davi no comando.

Shigeyuki Nakanose oferece a interpretação de que Crônicas é uma releitura que favorecia o império persa no sentido de facilitar a arrecadação de impostos com a centralização do templo e do culto em Jerusalém, e de fortalecer sua fronteira contra a possível tentativa de avanço do Egito em direção aos seus territórios. Também enxerga o livro como uma legitimação dos levitas no período pós-exílico, fornecendo a eles funções anteriormente não usufruídas, colocando-as como se tivessem sido criadas por Davi.³⁹

Que tal releitura favorecia o império persa é evidente, porém, deve-se levar em conta que não era o interesse da Pérsia que deveria ser visto na constituição da obra, mas o dos judeus. Isto é, os próprios judeus, ou pelo menos o responsável por esta obra, viam um benefício na sujeição a Ciro. Assim, os interesses da Pérsia e da liderança judaica convergiam entre si.

Quanto à descrição da função dos levitas como legitimação de algo antes inexistente, também pode ser lido de outra forma. A leitura proposta aqui é que os levitas tiveram no passado o espaço descrito em Crônicas, mas não haviam recebido em obras anteriores a mesma atenção pelo fato de seu reconhecimento não ter sido objeto de disputa. A novidade no discurso do livro de Crônicas seria, portanto, a ênfase, motivada por um questionamento ou negligência quanto à importância do serviço levítico no período pós-exílico.

3.3 Comparação entre os narradores de Samuel e Reis e o narrador de Crônicas

Para cada um dos reis de Israel, o narrador do livro dos Reis acrescentou uma avaliação negativa (1 Rs 15.26; 15.34; 16.13, 16, 25, 30; 22.53; 2 Rs 3.2; 8.18, 27; 10.31; 13.2, 11; 14.24; 15.9, 18, 24, 28; 17.7). O único que não

³⁹ NAKANOSE, Shigeyuki. “Re-escribiendo la historia: una lectura de los libros de las Crônicas”. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito, v. 3, n. 52, 2005, p. 143-153.

foi avaliado diretamente foi o rei Salum, que reinou apenas por um mês (2 R 15.13-16). Findas as narrativas dos reis de Israel, o narrador faz uma grande avaliação geral de todos eles (2 Rs 17.7-41), na qual posiciona conceitualmente sua história no sentido de que o reino de Israel se findou, o povo foi levado cativo e outros povos foram colocados para habitar em sua terra por causa da idolatria e da rejeição da mensagem dos profetas (2 Rs 17.7-24). Segundo o conceito do narrador, até os que passaram a habitar a terra foram castigados por não servirem correta e exclusivamente o Deus de Israel, formulando um sincretismo religioso (2 Rs 17.25-41). Segundo Bar-Efrat,

Um pequeno número de intervenções não prejudica a ilusão da realidade, e este, na verdade, é o método adotado por narradores na Bíblia. Intervenções diretas não são nem numerosas nem extensas, e isso contribui consideravelmente para a vivacidade e imediaticidade das narrativas bíblicas, embora não seja, obviamente, o único fator que lhes confere caráter dramático.⁴⁰

O narrador deixou para avaliar os reis de Israel depois de ter terminado a história deles. A avaliação é longa, mas deixá-la para o final permitiu manter a dramaticidade e o envolvimento emocional do leitor durante o enredo. Essa estratégia diverge da do narrador em Crônicas, o qual prefere conduzir o leitor desde o início a observar a história sob sua perspectiva teológica.

Alguns exemplos da intensificação da atividade intrusiva do narrador cronista serão verificados aqui. Os narradores de Samuel e Reis também são intrusos, mas o de Crônicas difere deles na intensidade dessa intrusão. Por isso, as avaliações e explicações em comum não serão mencionadas, mas somente aquelas que diferem entre as narrativas paralelas. Poderiam ainda ser verificadas avaliações e explicações em discurso direto, em trechos que foram totalmente omitidos ou em grandes trechos inseridos. No entanto, este artigo dará atenção unicamente às avaliações que estão na voz do narrador.

No final da narrativa do rei Saul (1 Sm 31.1-3; 1 Cr 10.1-14) o narrador de Crônicas estabelece um comentário explícito, uma avaliação da história. Ele omitira a cena em que Saul desobedece deliberadamente uma ordem divina (1 Sm 15.1-11) e aquela em que ele consulta uma necromante (1 Sm 28.1-25), e acrescenta uma explicação da razão da morte de Saul e da transferência do reino a Davi (1 Cr 10.13-14).

No episódio em que Davi tomou Jerusalém (2 Sm 5.1-10), o narrador de Crônicas explica que Jerusalém chamava-se Jebus por ser habitada pelos jebuseus (1 Cr 11.4). Além disso, o narrador de Crônicas substitui a expressão “e

⁴⁰ BAR-EFRAT, Shimon. *Narrative Art in the Bible*. Londres, Nova York: T & T Clark, 2004, p. 31-32. Tradução minha.

lhe chamou” (2 Sm 5.9) por “pelo que se chamou” (1 Cr 11.7). Fazendo isto, o narrador em Crônicas transforma uma simples informação em uma explicação.

A única passagem de Crônicas que relata um erro de Davi é aquela em que ele realiza um recenseamento em Israel (1 Cr 21:1–22.1). Após a realização do censo, a narrativa de Samuel declara que “sentiu Davi bater-lhe o coração” (2 Sm 24.10). Nesse ponto o narrador de Crônicas substitui o versículo 10 pelas palavras: “Porém os de Levi e Benjamim não foram contados entre eles, porque a ordem do rei foi abominável a Joabe. Tudo isto desagradou a Deus, pelo que feriu a Israel” (1 Cr 21.6-7). Nota-se duas explicações: a razão de os levitas e benjamitas não terem sido contados e a razão pela qual Deus feriu Israel. É uma presença marcante do narrador, cuja mediação se faz muito mais perceptível.

Apesar da tendência do cronista em omitir os erros desse importante rei, esse episódio tem uma importância fundamental, já que é a explicação da localização do templo. Foi naquele lugar que Davi ofereceu sacrifício para a expiação de seu pecado, segundo a orientação do próprio Deus, por meio do profeta Gade (2 Sm 24.10-13). Deus lhe respondeu com fogo e com o fim da praga (1 Cr 21.26-27), pelo que o próprio Davi concluiu que o templo deveria ser construído ali (1 Cr 21.28–22.1).

Esse episódio da vida de Davi vai ser mencionado na narrativa sobre Salomão. Acompanhando 1 Reis 6.1 ao mencionar que Salomão começou edificar o templo, o narrador de Crônicas insere um comentário, dizendo: “em Jerusalém, no monte Moriá, onde o SENHOR aparecera a Davi, seu pai, lugar que Davi tinha designado na eira de Ornã, o jebuseu” (2 Cr 3.1). Aqui o narrador intensifica sua mediação para estabelecer seu discurso teológico ao leitor de que o templo é uma referência de identidade para todos os israelitas.

Ainda relacionado à dedicação do templo, o cronista acrescenta uma explicação para o fato de a filha de Faraó ter se mudado de Jerusalém (1 Rs 9.24; 2 Cr 8.11a). Ele registra: “porque disse: Minha esposa não morará na casa de Davi, rei de Israel, porque santos são os lugares nos quais entrou a arca do Senhor” (2 Cr 8.11b). McKenzie aponta que há uma diferença no efeito de sentido a partir do acréscimo. Segundo ele, em Reis o deslocamento da esposa parece um sinal de carinho, enquanto que em Crônicas, um ato piedoso da parte de Salomão, ou seja, sua preocupação com a santidade do local.⁴¹

Existem explicações em Samuel e em Reis que são omitidas em Crônicas nas narrativas de Davi e de Salomão (2 Sm 24.25; 1 Rs 3.6,10). No entanto, existe um número maior de acréscimos explicativos na voz do narrador, além desses comentados acima (1 Cr 3.4; 11.3, 10, 19; 14.2, 17; 2 Cr 1.4; 5.11; 6.13; 7.2, 6; 8.13, 14).

⁴¹ MCKENZIE, Steven L. *I & II Chronicles*. Nashville: Abingdom Press, 2004, ed. Kindle, posição 3760-3763.

O reinado de Asa é também uma das principais e mais longas narrativas de Crônicas, e faz um grande acréscimo à narrativa oriunda de Reis. Uma das grandes inserções (2 Cr 14.4-15) é exatamente a explicação da retidão de Asa perante o Senhor (1 Rs 15.12; 2 Cr 14.3), demonstrando com maiores detalhes as razões pelas quais Asa foi considerado reto (2 Cr 14.4-5), e que ele gozou de paz porque Deus o estava abençoando por sua fidelidade (2 Cr 14.6). Para reforçar sua explicação, o narrador insere uma narrativa sobre suas construções e vitórias militares (2 Cr 14.7-15), acompanhadas das explicações que reforçam a do versículo 6 (2 Cr 14.13-14).

Outro importante rei para Crônicas é Josafá. No final da narrativa sobre esse rei, o narrador do livro de Reis faz uma avaliação dizendo que ele “fez o que era reto”, que é repetida pelo narrador de Crônicas. Porém, em Crônicas se acentua a intrusão do narrador porque ele substitui uma informação do livro de Reis por uma avaliação do coração do povo. Em Reis está escrito: “Todavia, os altos não se tiraram; *neles, o povo ainda sacrificava e queimava incenso*” (1 Rs 22.44), enquanto que em Crônicas, “contudo, os altos não se tiraram, *porque o povo não tinha ainda disposto o coração para com o Deus de seus pais*” (2 Cr 20.33). Com tal intrusão o narrador traz ao seu leitor uma aplicação mais abrangente, sem mudar o sentido, porque em Reis o propósito era promover o arrependimento da idolatria e, em Crônicas, despertar o coração de um povo espiritualmente apático.

Quanto ao rei Acazias, no livro de Reis consta uma profecia de Eliseu contra a casa de Acabe, de Israel, e seu cumprimento (2 Rs 9.1-37). Porém, em Crônicas, o narrador resume o texto em três versículos, explicando as razões do acontecimento segundo o propósito de Deus para Acazias (2 Cr 22.7-9).

Na narrativa sobre o rei Ezequias, também se encontra um narrador avaliador. Primeiramente ele resume 2 Reis 20.1-11 em um versículo (2 Cr 32.24) e então explica que o rei foi castigado por ter se exaltado. Da mesma forma, quanto ao final da narrativa, ele suprime 2 Reis 20.12-19 e insere a explicação de que vieram autoridades da Babilônia com o propósito de buscar informações, e que “Deus o desamparou, para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração” (2 Cr 32.31). O narrador de Crônicas é um narrador mais intruso, portanto, que interpreta, avalia e explica a história ao leitor.

Quanto a Josias, em Crônicas o narrador acompanha a avaliação de 2 Reis 23.22 de que a Páscoa promovida por esse rei foi incomparável. Porém, acrescenta como justificativa de tal avaliação tão positiva a presença dos sacerdotes e levitas, e a participação de parte de Israel junto de Judá. O narrador se utiliza de sua presença marcante e acrescenta avaliações referentes aos temas que tanto interessam ao seu discurso teológico para o momento pós-exílico: a legitimidade do serviço religioso no templo e sua importância para a identidade do povo israelita.

Há ainda uma omissão de explicação ou avaliação no reinado de Jeoacaz (2 Rs 23.32). Mas há, principalmente, acréscimos delas nos reinados de Roboão (2 Cr 12.2), Jeorão (2 Cr 21.7, 10), Acazias (2 Cr 22.3, 4), Joás (23.8, 19; 24.7), Amazias (2 Cr 25.20), Uzias (2 Cr 26.21, 23), Acaz (2 Cr 28.5-6, 21), Manassés (2 Cr 33.11), Amon (2 Cr 33.22-23) e Zedequias (2 Cr 36.12, 21). Isso demonstra que o narrador de Crônicas é mais intruso do que os narradores de Samuel e de Reis nas passagens paralelas.

4. ANÁLISE DAS DIFERENÇAS SOB ASPECTOS LITERÁRIOS

Apesar de haver muito material em Crônicas procedente de Samuel e de Reis, há diferenças significativas a serem consideradas. A seleção dos temas, o comportamento mais intruso do narrador e as alterações no enredo são aspectos literários que compõem essas diferenças.

Pela descrição comparativa estabelecida, verificou-se que o narrador evita falar de Saul em Crônicas. Praticamente todo o seu reinado foi omitido pelo cronista, bem como toda referência a seus descendentes no corpo das narrativas. Ele também não se interessou em narrar todos os obstáculos para que Davi e Salomão assumissem o trono. Além disso, todo pecado de Davi e de Salomão foi omitido em Crônicas, com exceção do levantamento do censo, cuja resolução fornece o motivo para a localização do futuro templo. O casamento de Salomão com a filha do Faraó também é omitido e, mais adiante, quanto à casa que construiu para ela fora da cidade de Davi, o narrador toma o cuidado de explicar que a intenção de Salomão fora o respeito para com as coisas sagradas. Isto quer dizer que a presença de uma estrangeira nas proximidades dos lugares sagrados os profanaria.

Reis registra tanto os feitos dos reis de Israel quanto os de Judá, enquanto que Crônicas trata apenas dos reis de Judá. Isto se dá porque Israel fora ao cativo assírio antes que Judá fosse levado à Babilônia. Judá retorna, mas Israel não. Além disso, o remanescente dos irmãos do norte, unido aos irmãos do sul sob Ezequias, retrata o ideal cronista de um reino reunido,⁴² que pode ser considerado o verdadeiro Israel. Em contraste com o livro dos Reis, que pretendia apontar a infidelidade pactual que culminou no exílio e promover o arrependimento, Crônicas procura esclarecer quem eram aqueles que estavam retornando e a função de famílias de determinadas tribos na sociedade e na religião. Assim, o narrador cronista procura narrar fatos relacionados à construção do templo e às reformas religiosas que somente reis de Judá fizeram, e legitimar o culto em Jerusalém como o centro da identidade judaica nos dias pós-exílicos.⁴³ Dentro

⁴² PRATT, JR., Richard L. *Comentário do Antigo Testamento: I e II Crônicas*. Trad. Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 572.

⁴³ ARNOLD, Bill T.; BEYER, Bryan E. *Descobrendo o Antigo Testamento*. Trad. Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 259-261.

desse propósito, o livro de Crônicas dá destaque ao sacerdócio e ao ministério levítico, em vez de focar no ministério profético, como o fizeram os livros anteriores. A principal atividade profética era denunciar o pecado, enquanto que a atividade sacerdotal visava principalmente reparar o pecado por meio dos sacrifícios. Portanto, o desprezo pelo sacerdócio era o desprezo de uma vida santa e da graça pactual, pela qual estavam sendo restaurados. Dessa forma, evidencia-se o valor defendido pelo narrador cronista ao omitir grande parte da atividade profética e acrescentar material sobre a atividade sacerdotal.

Verificou-se que a presença do narrador é bem mais sentida em Crônicas do que em Samuel e Reis. Enquanto nestes o narrador mantém o leitor mais focado nas cenas, naquele ele o acompanha continuamente para que veja a história pela perspectiva pretendida. Pelos comentários, explicações e avaliações, a intrusão do narrador é maior e, por isso, o aspecto conceitual está bem mais presente.

Como o tema do serviço religioso é de grande interesse em Crônicas, seu narrador coloca o foco avaliativo na importância dos sacerdotes e levitas. Os acréscimos verificados são de natureza religiosa e o narrador está mais preocupado com os reis em relação ao culto do que em suas guerras, como é o caso do livro de Reis. Sua intrusão fala muito mais ao leitor. Enquanto normalmente em Samuel e Reis o narrador apela à função hermenêutica do leitor por evidenciar as cenas e manter-se menos perceptível, em Crônicas o narrador explica muito mais, conduzindo a leitura.

A Bíblia em geral é abundantemente permeada por todo tipo de intertextualidade. Não há preocupação em esconder as fontes ou demonstrar que determinada obra seja completamente original, porque a interdependência canônica é fonte para a autoridade pretendida, além do fato de o autor não pretender ser simplesmente um poeta, e sim alguém que infunde um discurso teológico. No entanto, é útil verificar as maneiras pelas quais as obras mais antigas influenciam a pós-exílica. Crônicas se comporta muitas vezes como um comentário das obras anteriores; aproveita as mesmas histórias, criando, a partir delas, suas próprias revisões. O comentário ocorre principalmente pela voz do narrador onisciente, que em Crônicas é mais intruso porque faz muito mais avaliações e explicações.

Em suma, o narrador em Crônicas tem uma mediação mais intensa e perceptível porque é mais intruso do que em Samuel e em Reis. O enredo é reorganizado com acréscimos, omissões e alteração da localização de certas partes. As seleções das histórias são feitas a partir de um propósito, de acordo com a mensagem que o escritor pretende transmitir e de que pretende convencer o leitor. Toda inserção, omissão ou mudança dentro das narrativas copiadas traz para o novo texto uma nova significância para as antigas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É reconhecido que o livro de Crônicas é uma espécie de comentário de Samuel e de Reis. Um dos aspectos que comprovam isso é que, literariamente, o livro de Crônicas tem uma presença mais marcante de seu narrador interferindo na história com suas interpretações. Ele se faz muito mais presente e evidente ao comentar e interpretar o enredo e os personagens, muitas vezes guiando o leitor antes de permitir que ele contemple a ação pelas cenas. O mecanismo utilizado pelo autor para preencher lacunas, aplicar os livros mais antigos à sua geração e cumprir os seus propósitos teológicos foi uma criação desse narrador que faz interferências no enredo para explicar e avaliar. A presença marcante do narrador, por meio de suas intervenções nas narrativas que traz de Samuel e de Reis, intensifica sua mediação no texto de Crônicas. O ponto de vista avaliativo num grau maior revela o propósito do narrador em conduzir o leitor na compreensão do enredo e em sua adesão ao discurso teológico nele contido.

O livro de Crônicas, colocado no final do cânon do Antigo Testamento, faz um fechamento teológico para as Escrituras Hebraicas. A maneira como o cânon cristão ficou estabelecido, seguindo a Septuaginta, anuvia, em parte, a percepção do leitor por sua relevância. Isto acontece porque, colocado como mais um livro histórico na sequência de Samuel e Reis, contendo episódios repetidos, aparenta servir apenas como uma alternativa para o leitor.

Crônicas é um livro que precisa ser lido, mesmo que muitos de seus episódios já tenham sido encontrados antes. A razão disto é que há mudanças na maneira como muitas das mesmas histórias são contadas e que novas mensagens e significâncias são produzidas a partir do que foi omitido, inserido ou deslocado.

É muito importante que o leitor conheça a ocasião da escrita e seu contexto histórico para que possa ter um aproveitamento melhor das duas narrativas do período monárquico de Israel. Para isso, é imprescindível que os pastores preguem sobre Crônicas e expliquem tais diferenças. Não é comum encontrar pregações sobre esse livro. Quando isso acontece, normalmente se enfoca um dos poucos textos exclusivos e bem conhecidos de Crônicas, como é o caso de 2 Crônicas 7.14. Pregações a partir de textos sobre determinados reis trazem, em boa parte, lições diferentes se preparadas a partir de Samuel e Reis ou a partir de Crônicas.

Há também muito espaço para novas pesquisas em relação a cada uma das narrativas paralelas entre Samuel-Reis e Crônicas. Pode-se pesquisar como uma mudança na caracterização de personagens funciona como recurso do discurso teológico; sob qual ponto de vista temático a mesma história é recontada; como articulações no enredo estabelecem uma mensagem teológica aplicada a um momento diferente, ou como as avaliações e explicações são estabelecidas por meio dos personagens pelos discursos diretos, bem como os

efeitos que isso produz. Enfim, diversos estudos literários podem ser realizados nas passagens sinóticas. Por isso, Crônicas não é um livro menor e não pode ser negligenciado pelo leitor ou pelo pesquisador.

ABSTRACT

Bearing in mind that readers and researchers show a limited interest in the book of Chronicles in comparison with other books of the Bible, the author evaluates the differences between it and the books of Samuel and Kings, in order to see how Chronicles contributed in the formation of the biblical canon. He dwells on the necessity of verifying which narrative strategies are used in the composition of the new work. A synoptic comparison is then made based on literary aspects. It appears that, when making use of existing canonical works, the chronicler omits and inserts material, intensifies the narrator's intrusion, and makes changes to the plot, advancing reflections on different theological themes. This fact imposes the observation that Chronicles has its specific role in the canon and is relevant for both reading and research.

KEYWORDS

Chronicles; Narrative strategies; Theological discourse.